

Blackout

Ronei de Jesus

Oi, tudo bem?

Tem um instante? Então sente-se aqui comigo, no escuro, e vamos conversar um pouco... ou, se você preferir, posso simplesmente te ouvir; fique à vontade, e, se por acaso você sentir-se muito sozinho, lembre que estou aqui, bem do seu lado. Ok?

(Não, você não tem o direito de desistir, porque desistir não é uma opção)

*Hoje muitos choram mas não desistem de viver/
Hoje muitos choram sorrindo
(Rosa de Saron)*

*When you're sure you've had enough/
Of this life/
Well hang on/
Don't let yourself go/
...You are not alone
(R.E.M)*

O EDIFÍCIO HORTUS EDENIS ESTAVA às escuras, uma falha de quase 800m² na iluminação ofuscante – e desnecessária, diga-se de passagem, um golpe de vaidade no estômago do meio ambiente – da Rua Efésios.

Ed fora comprar velas, e Tina e Alma escutavam música no escuro, compartilhando um cigarro. *Secos e Molhados*. O disco fora escolhido de forma despretensiosa, de modo que elas só souberam de qual se tratava quando começou a tocar. Mas era um som ruim – não a música; a música era ótima, o tipo ideal para se ouvir no escuro, se é que existe um tipo para tal –, de uma qualidade tão escrota que fazia, vez por outra, a voz de Ney Matogrosso soar como uma mensagem captada do além ou transmitida dalgum foguete espacial. Apesar disso, era melhor que o silêncio (o silêncio e o escuro criam uma atmosfera característica: pode ser agradável para alguns e extremamente desconfortável para outros), sem levar em conta que seu transmissor era um velho e empoeirado toca-discos portátil Philips, nada mais que uma peça de decoração para a qual as garotas acharam algumas pilhas e deram pulinhos de excitação ao descobrirem que ainda funcionava.

– Então – disse Alma de repente, a centelha do cigarro refletindo brevemente nos seus olhos negros, – você acha mesmo que eu consigo a vaga?

– É claro. – Tina levou um tempo para responder. Era comum a amiga voltar a um assunto que estivera sendo discutido minutos ou até mesmo horas atrás, e quando isso acontecia a pessoa precisava de um tempo para se atualizar. – Você tem uma ótima qualificação. É perfeita para a vaga.

Alma se mexeu na cadeira, parecendo desconfortável. Deu mais um trago nervoso no cigarro e o passou à outra.

– Aí, não sei – disse hesitante. – Minha mãe diz que eu tenho cara de drogada... e se eles acharam isso também? Sabe, quem vai querer contratar uma pessoa com cara de drogada? Ainda mais se tratando de um jornal como o *Terra*...

– Mas você é drogada – disse Tina sorrindo – um sorriso velado pela escuridão.

– Tô falando sério. – O tom de Alma esmaeceu. – Se eu não conseguir esse emprego, tô ferrada. E minha mãe...

– Relaxa, Alma. – Tina tateou o escuro e massageou o joelho da amiga. – Você vai conseguir.

Ficaram sem falar por um tempo. Terminaram o cigarro e se retraíram nos assentos, imersas em si mesmas, parecendo criaturinhas miúdas num universo sem estrelas. O único sinal do mundo lá fora era a luz alaranjada da Rua Efésios, lambendo timidamente as bordas da janela, como um ser rastejante esperando ser convidado para entrar.

– Onde é que tá o Ed, hein? – Alma se levantara e parara à janela, levemente impaciente, as unhas postiças tamborilando contra a batente.

– Ele deve ter ido mais além – disse Tina, os joelhos junto ao queixo, sentindo-se estranhamente acolhida pela escuridão, – no *Estrela* ou naquele boteco sujo na esquina da Raul Seixas com a Rua 13. A essa hora não tem mais nada aberto por aqui.

Alma trotou novamente para a cadeira. Acendeu outro cigarro.

– Você notou no Cláudio hoje? – perguntou, a fumaça deixando sua boca para se dissolver, invisível, na escuridão.

– É – disse Tina. – Ele não tá bem.

– Ele me falou que a Sandra quer se separar. Ou é ela e o bebê ou a cocaína.

Tina suspiro baixinho.

– Cláudio precisa de atenção, não de pressão ou rejeição. Nesses casos, essas coisas só pioram.

Emudeceram de novo. Isento à sua percepção, uma brisa suave entrou pela janela, vadeando brandamente as cortinas semifechadas, trazendo vibrações da madrugada que se deitava fria e ociosa lá fora.

Alma estava para falar outra vez quando, menos rouco do que antes, o toca-discos iniciou *Rosa de Hiroshima*. – Aí! – gritou animada. – Essa é uma das minhas favoritas. – E, precipitando-se até Tina, agarrou-a pelo braço, arrancando-a do torpor que a envolvia. – Vem, Tina! Vamos dançar.

2

ENQUANTO TINA E ALMA DANÇAVAM no escuro, Eriberto Paiva, porteiro-chefe do Hortus Edenis, perscrutava com uma lanterna – que mais parecia um refletor de um campo de futebol – o gerador do prédio. Aquela era a terceira vez que o fazia – não por livre e espontânea vontade, veja bem, mas por ser praticamente obrigado, pelo morador do sexto andar, um homenzinho beirando os 50 anos, de ar prepotente e dono da voz mais irritante que ele já escutara na vida (e que nunca o cumprimentava).

– Não, seu Dafras – insistia Eriberto em dizer para o homem, repetindo o mesmo que dissera para os outros inquilinos. – Não há luzes de emergência. O gerador é automático, o que quer dizer que devia ser *automaticamente* acionado numa situação dessas.

– Eu sei o que significa *automático* – cuspiu o homem. – Mas algo precisa ser feito. Eu preciso usar o computador. *Urgentemente!*

Como aquela merda era cansativa. *Foda-se você e o seu computador!*, Eriberto pensou em ter dito, mas o que saiu foi:

– Temos que esperar pelo electricista –, num tom que demonstrava sua pouca disposição para o debate prenunciado. Era sempre a mesma coisa: *o porteiro resolve!* Será que era pedir muito sentar à TV e assistir seu *Velho Oeste* ou o futebol nas quartas e domingos depois de horas a fio abrindo portões, dando informações e forçando sorrisos educados – o sorriso do funcionário perfeito e financeiramente realizado?

– *Sim!* – disse o homem antipaticamente quando voltaram à portaria, o rosto quadrado num tom alaranjado às velas ao lado da pequena televisão CCE apagada. – É claro que tenho um *laptop*, mas a não ser que o senhor saiba de um modo de carregá-lo sem energia elétrica, desconfio que não poderei usá-lo.

Enfie-o no cu, seu porco!

– O senhor tem alguma vela, eu presumo? – solicitou o homem petulantemente.

– Desculpe, seu Dafras – disse Eriberto, – mas as únicas que tenho são pra mim, enquanto aguardo o electricista. – *Antônio, seu patife enrolado*, Eriberto deu uma olhadela para a rua, se você chegar aqui de manhã, eu arranco esses seus cabelos enebados.

O homem já virara-se e bufava apoplético em direção às escadas.

– Esse imbecil vai acabar se estatelando – Eriberto murmurou consigo mesmo. – Seu Dafras – chamou. – Pegue. Leve a lanterna.

3

– NENHUMA LANTERNA! – fungou Alma, num tom que pendia entre a frustração e o nervosismo, estirada na cadeira e presenteando o pulmão com mais um enroladinho de câncer.

– Como pode alguém normal não ter uma lanterna em casa, ou mesmo uma lâmpada de emergência? – não vou nem citar velas.

– E quem falou que o Ed é normal? – disse Tina com a cabeça jogada por sobre o encosto da poltrona; mas, apesar da intensão, não conseguira soar descontraída – a situação começava a deprimi-la.

– Já faz quase meia-hora que ele saiu – insistiu Alma (era a pessoa perfeita para falar, mas de longe uma péssima para ouvir – Tina, mais que ninguém, sabia disso). – Devia ter pedido para ele trazer alguma coisa para comer: tô morrendo de fome! Não era pra ele demorar tanto assim, era?

Não, não era, pensou Tina.

O apagão acontecera momentos depois de eles chegarem do *Drink's*. Como fosse seu aniversário, o pessoal fizera questão de comemorar. Comeram uma *pizza* no *Massas & Massas*, isso por volta das 22h, e logo em seguida foram para o *pub*. Mas era pouco mais de meia-noite quando voltaram para o apartamento de Ed. O porteiro dissera que não havia nada o que fazer, a não ser esperar pelo electricista (que era um amigo seu, portanto podiam ficar tranquilos, que o problema logo seria resolvido). Mas já se passara quase uma hora e nada de luz. Nada de Ed. Nada de velas.

– Prepare um sanduíche – sugeriu. – Deve haver pão por aí, em algum lugar. Ou coma um biscoito. Nunca conheci um homem solteiro que não tivesse biscoitos em casa.

– Neste escuro? – Alma insinuou com um gesto vago de mãos o nada ao seu redor, como se Tina pudesse vê-la. – Eu não saberia detectar as coisas do Ed nem sob a luz do dia, que dizer neste escuro. – Tina a ouviu se levantar. – Acho que vou dormir – anunciou entediada, dando a última puxada no cigarro e amassando-o no cinzeiro em formato de carro, sobre a mesa de cedro, onde estava o toca-discos – todos engolidos pelo breu.

– O Ed já deve tá chegando – disse Tina endireitando-se na poltrona – por um segundo, a ideia de ficar sozinha, naquela escuridão, a assaltou.

– Parece que o Ed se perdeu – Alma limitou-se a dizer, debruçando-se sobre ela. – Além do mais, onde é que ele vai achar velas uma hora dessas, parando agora pra pensar? Feliz aniversário, amiga! – Abraçou-a e saiu tateando a procura do quarto.

4

ED INCLINOU-SE ligeiramente sobre o balcão do porteiro, o rosto iluminado de um modo sombrio pelas velas ali dispostas, para acender através delas uma das que acabara de comprar. Conseguira-as num bar-restaurante próximo ao Largo do Machado, que, por sinal, já estava fechando; infiltrara-se com a agilidade de um ladrão pela cortina de aço semi-baixada de uma das portas e arrancara meia dúzia delas do coroa do caixa (que as tirara de um pacote aberto jogado aos pés de um Santo Antônio todo empoeirado e descascando, sobre um altar pregado à pilastra que dividia as duas portas do estabelecimento).

– E, bem – continuou ele a dizer para o homem –, são quase 3h da manhã, quer dizer, as pessoas *deviam* estar dormindo, de qualquer forma. Eu não sei o senhor, mas eu não preciso de luz ou energia elétrica pra dormir.

O porteiro sorriu, o rosto frangindo-se em linhas que pareciam cortes profundos na semiobscuridade do ambiente.

Disse: